

# Dossiê: Jovens, projetos e carreiras: diálogos entre Brasil e Portugal

**Apresentação : Alessandra S. Barreto**

*PPGA, Departamento de Antropologia/ UFF*

[...] se a “juventude” está em todos os lugares, esse conceito perde grande parte de seu poder explicativo, ou sua capacidade de identificar um fenômeno específico, diferente de todos os outros. Tentar decifrar o “jovem”, nessas condições, seria tentar dar conta de todos e tudo, o que é uma tarefa pelo menos enciclopédica. É preciso então decidir sobre que “jovem” queremos, apesar de todos e tudo, falar (1997:9).

O antropólogo Hermano Vianna, na introdução do livro *Galeras Cariocas*, já nos chamava a atenção para a intrincada tarefa de definir juventude e a suas implicações. A profusão de trabalhos e análises cujos jovens são protagonistas apresenta essa “colonização” do espaço social de que tratava o autor em fins da década de 1990 (Op. cit.), e nos coloca frente à reafirmação constante, presente nos artigos deste dossiê, de que não se trata de pensar a juventude como uma categoria etária mas, sobretudo, como *formas de afirmação social* (FEIXA, 1993), de conceber o mundo, de se posicionar e se engajar em situações e interação específicas.

As várias maneiras de “ser jovem” destacam a heterogeneidade e o caráter multifacetado dos fenômenos socioculturais, envolvendo indivíduos e grupos em constante negociação da realidade (VELHO, 1994). Dessa forma, pluralizar juventudes permite que esta categoria ponha em relevo as interações e intercruzamentos entre diferentes níveis da realidade, variáveis sociais, práticas culturais, processos de auto-apresentação, de representação e construções ideológicas.

Este dossiê traz à cena algumas reflexões de antropólogos e sociólogos que realizaram pesquisas recentes com jovens no Brasil e em Portugal. Os jovens aqui apresentados não são, portanto, sujeitos genéricos, mas sujeitos que interferem, definem e ressignificam suas realidades e contextos a partir de projetos próprios, individuais e coletivos, cuja ênfase em determinadas carreiras,

modos de existência e valores descortinam distintas concepções de mundo e experiências sensíveis.

Assim, nossa primeira incursão será sobre o artigo “*Nós representa a favela Mano*”. *B-boys da Maré superando estereótipos*, de Otávio Raposo, que nos traz as experiências sensíveis e estéticas de um grupo de jovens dançarinos de *break dance* da Maré (Rio de Janeiro/Brasil). Sua descrição tem início com uma espécie de “cartografia imaginária dos cidadãos” (AGIER, 2011) e da imputação das fronteiras, uma delas referida ao lugar da favela e dos “favelados” nesse constructo. A Maré é apresentada e construída por meio dos discursos que legitimam as (diferentes) ordens estabelecidas, as tecnologias do poder, a partilha do sensível entre o antropólogo e os moradores. A criatividade cultural de que nos fala o autor remete-nos a dinâmicas e forças que atuam nos processos de “distintividade” (Pais, 2006), nas formas de participação nos fluxos contemporâneos (de pessoas, objetos, informação, ideias) (HANNERZ, 1992, 1996), nas potências do imaginário social (APPADURAI, 2004).

O *break dance*, como prática artística e cultural, representa o “poder criador” dos jovens interlocutores de Otávio, uma estratégia nas disputas pela potência do humano numa sociedade que reincidentemente os impinge à desumanização (retórica e física). Assim, as performances operam ações de resistência pois subvertem as hierarquias sociais estabelecidas num jogo estético e ético, e na emulação de novas subjetividades.

Deixando o Rio de Janeiro, os outros três artigos nos convidam a uma viagem para o outro lado do Atlântico, a conhecer Lisboa em suas múltiplas faces e possibilidades de modos de vida, trânsitos e sociabilidades. Nessa linha, em “*Tornar-se outra pessoa*”: *Narrativas de transformação subjetiva e processos de distinção entre os jovens estudantes Erasmus em Lisboa*, o pesquisador catalão Daniel Malet Calvo escolhe a cidade como *locus* e como síntese de experiências das vivências do “capital de mobilidade” de estudantes estrangeiros. A partir da contextualização do programa ERASMUS, um fenômeno que mobiliza anualmente centenas de milhares de jovens estudantes europeus pelas universidades do continente, seu estudo vai além da apresentação do projeto como fortalecimento do “europeísmo” ou da capacitação visando inte-

resses do mercado global. O autor pensa os “erasmus” como uma designação que engloba diversos estudantes estrangeiros com impactos em seus projetos de formação tanto quanto nos processos de auto-apresentações como sujeitos jovens e na constituição de novas subjetividades.

Nesse sentido, Calvo assinala que os deslocamentos realizados por esses jovens se inscrevem tradicionalmente num duplo registro: como “migrações estudantis” ou como “*educational travel*” (sob a ótica dos estudos de turismo). A disjunção operada nesses casos entre estudo/trabalho, migração/turismo, produção/consumo é problematizada e cede espaço para uma análise mais etnográfica das complexidades entre escolhas pessoais e estratégias de distinções e consumo, projetos individuais e contextos estruturais mais globais. É justamente neste aspecto que ganham destaque os debates entre cosmopolitismos (variados, que sejam) e a ênfase na literatura acadêmica nos modelos de interação endogâmicos dos estudantes estrangeiros vinculados a programas de mobilidade. O suposto paradoxo entre padrões estéticos e de consumo cosmopolitas e formas de interação e sociabilidade mais restritas aparecem nas narrativas dos projetos individuais que marcam ora a abertura para o *outro* e para a interculturalidade, ora o fechamento em círculos de amizades entre co-nacionais.

Continuamos em Lisboa, mas agora como cenário do protagonismo dos jovens tatuadores. O artigo *Entre as Belas-Artes e as artes de tatuar: novos itinerários de inserção profissional de jovens tatuadores em Portugal*, do pesquisador português Vítor Ferreira, põe em foco as transformações por que passou a carreira num contexto de ressignificação de práticas e símbolos que atravessam as noções de juventude, cultura e arte. O estigma social que detinha a carreira de tatuador é transformado a partir de práticas relacionadas a novas concepções de corpo, cosmopolitismo, criatividade, consumo e do mundo do trabalho (indústria de *design* corporal).

No processo de se tornar tatuador, a domesticação dos gestos, os sistemas não formais de saberes-fazer, apresentam-nos as mudanças pelas quais passou a profissão de tatuador desde a sua constituição como campo competitivo e informalmente restringido por meio de sistemas periciais que associam

elementos estéticos, técnicos e éticos a novas demandas e exigências de compartilhamento, transparências e formas de conexão e interação locais e globais. As construções e representações acerca dessa profissão passam de *carreiras desviantes* (BECKER, 1963), conforme assinala Ferreira onde o ofício de tatuador aparece como alternativa à intensa rotatividade entre trabalhos pouco qualificados, desemprego e “bicos”; à *carreira profissional alternativa* (CRATNE, 1997), ligada à vocação e às *circunstâncias* (MELO, 1988), ocupada por jovens com formação em artes plásticas e integrados em “círculos de sociabilidades artísticas” (p. 10, no original do autor).

Entre singularidade (estilo pessoal) e diálogos inter-pares, o debate sobre a legitimidade formal e a institucionalização da profissão emerge como lugar privilegiado para enunciar o direito de pertencer a um grupo e, ao mesmo tempo, de sua enunciação reivindicar um novo lugar social para esses jovens como sujeitos no mercado de trabalho e na realidade social portuguesa.

No último artigo, *Trajetórias e aspirações profissionais de jovens empreendedores portugueses*, a dimensão das trajetórias profissionais e os valores do trabalho são pensados pelos pesquisadores brasileiros Rachel Almeida e Stefan Klein a partir do cenário de jovens empreendedores portugueses de estratos sociais médios e altos. Diferentemente dos artigos anteriores, não se trata de um trabalho etnográfico, mas de pesquisa que teve como ponto de partida a base de dados quantitativos do Observatório da Inserção Profissional dos Diplomados da Universidade Nova de Lisboa, buscando refletir sobre o valor trabalho a partir a inserção profissional de jovens altamente qualificados e da compreensão das disposições e das estratégias desses atores sociais.

Tendo como pano de fundo novas formas ideológicas do capitalismo, o artigo procura trazer à tona a dialética entre oportunidades objetivamente oferecidas e aspirações e expectativas desses jovens portugueses em um contexto marcado pelos discursos do empreendedorismo quer pelo Estado, quer através das mídias. Aprendizagem e autonomia aparecem como valores significativos nas vidas profissionais desses jovens e a noção de carreira, como “trajetória profissional linear”, é colocada em xeque a partir de um contexto mais amplo de transformações do mundo do trabalho e do capitalismo global. A

experiência do trabalho adquire novos sentidos e ganha um lugar de destaque como espaço de aprendizagem, de expressão e de liberdade.

Mas os autores também nos apresentam um outra face desse fenômeno. Ao entenderem esse empreendedorismo não simplesmente como um fenômeno de segunda ordem, ou como um empreendedorismo de necessidade, os autores remetem-nos tanto a referências a estilos de vida e à constituição de identidade, quanto a questões conjunturais e à dimensão do risco e da incerteza.

Certamente, o empreendedorismo vivenciado por esses jovens não é possível para todos os jovens (portugueses ou não) ou mesmo chega a ser formulado em termos de “carreira de sonhos” para muitos. Poderíamos complexificar ainda mais este cenário e acrescentar as discussões sobre as muitas formas do empreendedorismo que atualmente invadem as periferias e favelas brasileiras como estratégias para implantação de novos modelos de “inclusão” e de gestão da cidade (TOMMASI & VELAZCO, 2013). O artigo de Almeida e Klein não trata dessa questão, no entanto, convida-nos a entrar no debate acerca do papel do Estado, das novas formas de trabalho e sua flexibilização, ao valor do ensino superior e a diferentes perspectivas para a inserção profissional de jovens no mundo contemporâneo.

Esperamos que este dossiê possa trazer aos leitores distintos universos sociais por meio das práticas sociais, apropriações, significações, formas de interação, sociabilidades, conflitos e estratégias de jovens para viver e levar adiante seus projetos e carreiras no mundo contemporâneo. Num contexto globalizado, em níveis distintos e complexos, esses muitos mundos, mundos jovens (*circuits, pedaços, subculturas, tribos urbanas*) podem estabelecer relações, se misturarem, participarem em diferentes níveis de um ou outro. Não estão encerrados em si mesmos e, ainda quando afirmam suas auto-apresentações como grupos, trazem marcações e diferenciações internas, delegando a homogeneidade ao olhar pouco atento ou à construção estereotipada. Os jovens aqui apresentados bem que poderiam se encontrar nos diversos cenários lisboetas, onde estudantes e tatuadores se esbarrariam como transeuntes, poderiam estabelecer uma relação como cliente-artista, ou ainda como amigos com quem saem apenas para “tomar um copo”. Da mesma maneira, os B-boys

aqui da Maré, a partir de estratégias de alargamento de seu *campo de possibilidades* (VELHO, 1994), poderiam facilmente fazer chegar as suas performances em terras portuguesas, aos novos tatuadores, aos estudantes Erasmus ou aos empreendedores. O diálogo entre Brasil e Portugal tem nos permitido não somente conhecer valores, pertenças, práticas, formas e linguagens que marcam a complexidade e a diversidade da vida urbana específica desses contextos locais, mas também pensar sobre as aproximações e a conectividade entre esses múltiplos mundos jovens.

## REFERÊNCIAS:

1. AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
2. APPADURAI, Arjun. **Dimensões Culturais da Globalização**. Lisboa: Teorema, 2004.
3. BECKER, Howard. **Outsiders. Studies in the Sociology of Deviance**. Nova Iorque: Free Press, 1963.
4. BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
5. CRAINE, Steve. The Black Magic Roundabout: Cyclical Transitions, Social Exclusion and Alternative Careers. In: MACDONALD, Robert (org.). **Youth, the 'Underclass' and Social Exclusion**. Londres: Routledge, 1997, p. 130-152.
6. DAS, Veena; POOLE, Deborah. El estado y sus márgenes: etnografías comparadas. **Cuadernos de Antropología Social**, n.27, 2008, p. 19-52.
7. FEIXA, Carles. **La joventut com a metàfora**. Barcelona: Generalitat de Catalunya/Secretaria General de Joventut, 1993.
8. \_\_\_\_\_. **De jóvenes, bandas y tribus: antropología de la juventud**. Barcelona: Ariel, 1998.
9. HANNERZ, Ulf. **Cultural Complexity**. New York: Columbia University Press, 1992.
10. \_\_\_\_\_. **Transnational Connections**. London: Routledge, 1996.
11. MAGNANI, José G. Introdução. Circuitos jovens. In: MAGNANI, José G.; SOUZA, Bruna M. de (Orgs.). **Jovens na metrópole**. Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2007, p.15-22.

12. MELO, Alexandre. Obsessão e circunstância. **Revista de Comunicação e Linguagens**, n. 6-7, 1988, p. 203-207.
13. PAIS, J. M.; BENDIT, R.; FERREIRA, V. (Org.). **Jovens e Rumos**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2011. p. 203-222.
14. PAIS, José Machado. Bandas de garagem e identidades juvenis. In: COSTA, M. R.; SILVA, E. M. (Org). **Sociabilidade Juvenil e Cultura Urbana**. São Paulo: Editora PUC-SP, 2006. p. 29-53.
15. SENNETT, Richard. **O Artífice**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2009.
16. \_\_\_\_\_. **A cultura do Novo Capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
17. TOMMASI, Livia de; VELAZCO, Dafne. A produção de um novo regime discursivo sobre as favelas cariocas e as muitas faces do empreendedorismo de base comunitária. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 56, jun. 2013, p. 15-42.
18. VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
19. \_\_\_\_\_. ; DUARTE, Luiz Fernando Dias (orgs.). **Juventude contemporânea**. Culturas, gostos e carreiras. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010
20. VIANNA, Hermano. Introdução. In: \_\_\_\_\_ (Org.) . **Galerias Cariocas**. Territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 2003 [1997], pp. 7-16.